

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

EDNEIA ALVES DE OLIVEIRA

AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Belo Horizonte

2015

Edneia Alves de Oliveira

Aquisição da escrita pela criança na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Processo de Alfabetização e Letramento pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

Belo Horizonte

2015

Edneia Alves de Oliveira

Aquisição da escrita pela criança na educação infantil

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista no Processo de Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Gilcinei Teodoro Carvalho – Faculdade de Educação da UFMG

Ana Paula da Silva Rodrigues – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

O desenvolvimento deste trabalho parte da suposição de que mesmo antes de qualquer ensinamento formal, as crianças apresentam algum conhecimento sobre a leitura e a escrita. Para entender como a criança vai construindo suas ideias a respeito da escrita, é necessário levar em consideração algumas situações do seu cotidiano e até mesmo de sua condição social que revelam certos usos e funções. À medida que a criança vai tendo contato com situações de escrita que despertam sua atenção, ela vai formulando ideias desse objeto. Cabe ao professor estimular a produção gráfica da criança e tentar compreender o que ela desejou expressar quer pelo desenho quer pela escrita. A participação ativa do aluno no processo de construção do sistema representativo da escrita e a atuação adequado do professor(a) fará com que a criança tenha maior possibilidade de avançar no domínio. A importância de desenvolver este estudo de ACPP (Análise Crítica da Prática Pedagógica) se fundamenta no reconhecimento da importante contribuição de Emília Ferreiro e Ana Teberosky para a educação, o que me motivou a refletir sobre a evolução na escrita dos meus alunos com idade entre três e quatro anos, em que a maioria está frequentando uma instituição escolar pela primeira vez. Minha pretensão foi a de buscar uma fundamentação teórica e prática com pesquisas que levassem à identificação dos níveis de alfabetização, considerando que não são lineares e que a ordem pode variar e, até mesmo, sobrepor. Investigou-se como intervir para que a criança que encontra no nível inicial de escrita possa avançar de forma satisfatória. Para realizar este trabalho, além de uma pesquisa detalhada de alguns textos existentes sobre o assunto, foram aplicados alguns testes e foram feitas observações de atividades que envolvam a escrita. A análise do material ocorreu durante todo o plano de ação, o que permitiu comprovar que a criança, quando chega a uma instituição escolar, já apresenta algumas hipóteses sobre a escrita e que, ao passar a frequentar a UMEI e tendo um maior acesso a materiais e situações de uso da escrita, foram percebidos avanços significativos tanto no processo de escrita quanto na segurança durante os registros, o que é determinante para um desempenho satisfatório quando estiver no processo formal de alfabetização.

Palavras-chave: Educação Infantil, aquisição da escrita, psicogênese

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1.AQUISIÇÃO DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	9
2. ENSINO DA LÍNGUA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS	11
2.1- Etapas evolutivas da escrita.....	13
2.2- Papel do professor na aquisição da escrita da criança	15
3. METODOLOGIA.....	17
4.ANALISE DOS DADOS.....	19
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS	29

Introdução

Iniciei minha prática profissional em uma escola localizada na zona rural do Município de Sabará, no ano de 1997. Quando comecei a exercer a minha docência, vários foram os desafios com que deparei, entre eles a minha falta de experiência como professora e o desconhecimento sobre como era a vida no campo. Eu estava diante de uma realidade completamente diferente da minha, e precisava ganhar o respeito e confiança da equipe da escola, dos pais e, principalmente, dos alunos. Lecionei em turmas do primeiro ano. No início não foi fácil, mas fui ganhando segurança e conquistando confiança da comunidade. A partir daí, na prefeitura de Sabará, só trabalhei com alfabetização, e acabei descobrindo que alfabetizar é o que eu realmente gosto de fazer.

Em 2008, durante uma dobra que assumi em uma Escola Estadual, acabei sendo efetivada na Lei 100, assumi uma turma de Educação Infantil (pré-escola), fiquei encantada, mas sabendo que a Lei 100 poderia ser derrubada a qualquer momento, decidi fazer o concurso para educadora na prefeitura de Belo Horizonte. Passei no concurso e tomei posse logo em seguida na UMEI OURO MINAS. Fiquei como referência em uma turma de 3/4 anos. Logo que iniciei me vi diante de uma grande polêmica, alfabetizar ou não na Educação Infantil.

Em razão dessa polêmica, passei a refletir melhor sobre a minha prática de alfabetização. Foi nesse período de reflexão que passei a observar melhor as produções escritas dos meus alunos e como eles iam evoluindo nos níveis de escrita. Analisando estas evoluções, comecei a me questionar como era este processo de transição de um nível para outro. Este questionamento é o que me motivou na escolha desse tema.

Pesquisando e observando a escrita das crianças, percebo que mesmo não tendo nenhuma experiência com o estudo sistematizado, elas chegam às UMEIS com algum conhecimento sobre a escrita que se dá através da interação entre a criança e os objetos de seu mundo, com placas, cartazes, rótulos, televisão, computador, celular, *tablets*, entre outros. Dependendo da situação econômica e da profissão dos familiares, a criança também presencia os adultos escrevendo recados, listas de compras, mandando mensagens no celular, computador e *tablets* ou, então, lendo livros, jornais, revistas ou outro material impresso. Ao frequentar as

UMEIS, a criança passa a participar de outras situações sistemáticas que envolvem a escrita, despertando, assim, um maior interesse.

A partir dessas ideias, desenvolvi este trabalho de ACPP (Análise Crítica da Prática Pedagógica) buscando clarear as seguintes questões:

- a. Como acontece a aquisição da escrita pela criança nos anos iniciais?
- b. Como o conhecimento sobre os níveis de escrita pode auxiliar o professor (a)?
- c. Que atividades são mais adequadas na aquisição da escrita nos anos iniciais?

Como professora da Educação Infantil busco, a partir desse trabalho, perceber com novo olhar os registros dos meus alunos da UMEI Goiânia e intervir de forma satisfatória em seu contexto de aprendizagem, respeitando seus conflitos e hipóteses sobre a linguagem escrita. Segundo Wallon, *o modo como o conflito se resolve não é absoluto nem necessariamente uniforme em todos os sujeitos. E deixa em cada um uma marca*, sendo assim ninguém é igual a ninguém e deve ser respeitado nas suas diferenças.

Diante das minhas interrogações elaborei este trabalho dividindo em quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado Aquisição da Escrita na Educação Infantil, trata da grande polêmica sobre alfabetizar ou não. Há muitas divergências sobre o momento (quando) e a maneira (como) trabalhar a escrita nas UMEIS respeitando as necessidades de cada faixa etária.

O segundo capítulo, O ensino da língua escrita nos anos iniciais, completa o primeiro, reafirmando a importância para a criança de participar de situações em que a escrita está presente e as contribuições desta participação na elaboração das hipóteses. Este capítulo trata também do direito que a criança tem de vivenciar a escrita nas UMEIS, respeitando o inegável papel do cuidar e brincar. Este capítulo tem dois subtítulos o 2.2 que faz um breve esclarecimento da pesquisa de Emília Ferreiro e Ana Teberosky e os níveis de escrita e o subtítulo 2.3 vem tratando do importante papel do professor nesse complexo processo de aquisição e das necessidades de se abordar a escrita de forma significativa, trazida com função para sala de aula.

O terceiro capítulo descreve detalhadamente a UMEI, a turma e os testes aplicados para a obtenção de dados para a execução desse trabalho de pesquisa. Também apresenta brevemente as intervenções que a turma passou durante este período (os projetos e atividades).

Para concluir, o quarto capítulo analisa os dados obtidos através dos testes aplicados em diferentes momentos do processo de aquisição da escrita e algumas intervenções utilizadas na turma.

1-AQUISIÇÃO DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, implantada recentemente no Brasil, vem trazendo consigo uma grande preocupação quanto à qualidade no atendimento. A polêmica sobre alfabetizar ou não na Educação Infantil é um dos temas presente em toda a rede municipal de Belo Horizonte. O que se observa é que a entrada precoce em um Ensino Fundamental, sem uma proposta de trabalho, sem ter bem definido qual a função da Educação Infantil no acesso das crianças na cultura escrita, torna difícil que o professor tenha práticas eficazes e adequadas.

De acordo com a posição teórica adotada nesse trabalho, a criança já vivencia um processo de alfabetização e letramento mesmo antes de sua entrada formal em uma instituição educativa, não havendo, assim, sentido na pergunta se deve ou não alfabetizar. O que devemos perguntar é como alfabetizar sem ferir a cultura infantil; esse é o nosso grande desafio.

Acredito que a escrita deve estar também presente na Educação Infantil e deve cumprir o papel importantíssimo de apoiar as investigações e interesse da criança, despertando o desejo de saber cada vez mais.

A criança na Educação Infantil é capaz de refletir sobre a escrita e elaborar hipóteses sobre o seu funcionamento. É nas escolas que elas precisam encontrar condições para ampliar esses conhecimentos.

Geralmente, nas UMEIS, as divergências a esse respeito ao momento (quando) e à maneira (como) de dar início ao trabalho com a linguagem escrita estão sempre surgindo nas conversas entre os profissionais na escola.

Alfabetizar ou não na Educação Infantil?

O que devemos realmente nos preocupar não é se devemos ou não alfabetizar e, sim, como e quando a alfabetização deve ocorrer.

O **como**, segundo a perspectiva de Emília Ferreiro, a criança é agente do processo de aprendizagem, capaz de construir seu conhecimento por meio de interação com as pessoas, com os objetos e com o meio em que vive.

Segundo Isabel Cristina, *na Educação Infantil é necessário que se crie situações em que o jogo simbólico com a linguagem escrita possa ser vivenciado, sem ferir características do pensamento e da cultura infantis, presentes nesse nível*

de escolarização, e sem suprir a importância de diferentes expressões como a corporal, plástica, entre outras.

O **quando** diz respeito ao momento que devemos começar o ensino da escrita. Esse momento deve acontecer respeitando as características e as possibilidades de cada faixa etária.

A criança na Educação Infantil não tem que aprender a ler e escrever, mas é necessário que se permita que ela aprenda, e essa aprendizagem vai ocorrer quando o professor fizer a leitura de uma história, quando trabalhar a identidade da criança, atividades de rotina (chamadinha, ajudante do dia, etc.), quando planejar o dia deixando escrito o que fazer, levando a criança a perceber a utilidade da escrita.

No contexto da Educação Infantil é importante que se faça uma abordagem mais espontânea da escrita. Na maioria das vezes, o professor será o leitor e o escriba. Mas, é necessário que se propicie práticas de leitura e escrita feitas pela criança. Escrevendo e lendo conforme seu nível de organização intelectual, a criança tem a possibilidade de reinventar as hipóteses sobre a escrita.

Observa-se, portanto, essa polêmica sobre alfabetizar ou não na Educação Infantil.

2- O ENSINO DA LÍNGUA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS

Sabe-se que a criança bem antes do processo de escolarização já convive com situações em que a escrita está inserida. A partir desse convívio, ela é capaz de refletir sobre o sistema de escrita e elaborar hipóteses sobre o seu funcionamento. A criança que está inserida em uma sociedade letrada acaba tendo muitas oportunidades de participar de situações em que a escrita vai estar presente (por exemplo, lista de compras; leitura de contas de luz e água; boleto bancário; manual de jogos; jornais; revistas etc.) que irão contribuir para que elas possam elaborar hipóteses sobre determinados aspectos do sistema de escrita. Mas, somente este contato não irá garantir o aprendizado e o domínio do sistema de escrita. Assim, cabe à escola o importante papel de ensinar sobre este sistema, ampliando os conhecimentos que a criança já possui mesmo antes de estar na escola e, para o sucesso dessa escolarização, é necessário que o professor compreenda o processo de aquisição em que o aprendiz está envolvido e propicie situações em que a escrita esteja presente, utilizando material diversificado de escrita, valorizando as situações de leitura e escrita em uso social e incentivando a criança a pensar sobre a escrita. Uma educação deve valorizar a autonomia da criança, ajudando a acreditar nas suas próprias ideias, levando-as a refletir sobre os “erros” (suas hipóteses de escrita).

A aprendizagem da língua escrita envolve vários fatores e é um processo contínuo e extremamente complicado, exigindo, assim, muito empenho por parte da criança. Para ser alfabetizada é necessário que a criança compreenda para que serve a escrita, aprenda as letras e a direção da escrita, conheça o funcionamento da escrita alfabética, relacione a escrita com a representação da fala.

Nenhum treinamento da escrita como cópias e mais cópias de letras, palavras ou textos, tem chance de estimular aprendizados significativos para a criança. A escrita vai muito além dessas reproduções. Segundo Wallon, para a criança, é essencial acreditar na sua própria capacidade de construir e organizar informações abstraídas de diferentes situações vividas, nas quais escrita e leitura estão presentes. À medida que tais informações são reelaboradas, em virtude de novas, a criança cria maneiras próprias de compreender de que modo as letras se combinam na formação de palavras. (p.39)

O professor, em seu trabalho diário de alfabetização, acaba tendo a ideia de que o aluno demora muito em passar de um nível de escrita para outro. Essa ideia é muitas vezes porque ele não conhece profundamente o processo evolutivo da escrita. É necessário saber que, na escrita, não há construção de conhecimentos intelectuais imediatos.

Ao direcionar a atenção para o processo de aprendizagem, em vez de focalizar os métodos de alfabetização, o professor toma consciência de que ninguém precisa correr atrás de nada nem de ninguém. Isso significa professor e criança caminhando juntos. Ele se orienta por aquilo que vê a criança realizar, e ela, por sua vez, se deixa guiar pelos questionamentos e desafios, contra exemplos e solicitações que lhe são feitas, Wallon, 1941, P.54

Sabemos que os métodos de ensino são importantes, mas é preciso valorizar e guiar o planejamento de acordo com as necessidades de aprendizagem do aluno, estando atentos às hipóteses elaboradas pelos aprendizes. Toda e qualquer hipótese elaborada pela criança desempenha um papel essencial no domínio do sistema representativo da linguagem. Segundo Wallon, a compreensão das crianças acerca do sistema representativo da escrita depende do desenvolvimento do pensamento como um todo, além de sua vivência com o material gráfico. O mais importante é estimular a criança a continuar a acreditar na sua própria capacidade.

De acordo com Isabel Cristina, a criança tem o direito de vivenciar uma cultura relacionada ao universo da cultura escrita e, principalmente, à cultura escrita escolar e que os alunos da Educação Infantil devem participar plenamente deste universo. O acesso à cultura escrita, para crianças de camadas populares, é um direito que deve ser assegurado. Quando uma instituição de Educação Infantil decide “não alfabetizar” não desenvolve um trabalho sistemático e planejado com a língua escrita e está, na verdade, decidindo deixar esse “trabalho” para outras instâncias, muitas vezes menos preparadas para realizá-lo.

As UMEIS têm um inegável papel no desenvolvimento da criança baseados no cuidar e brincar. Nesse espaço, as crianças cantam, recitam poesias e parlendas, jogam, ouvem histórias, desenham. Atividades como essas comuns na Educação Infantil e devem ser definidas em função de objetivos pré-determinados e de acordo com sua intencionalidade.

2.1-Etapas evolutivas da Escrita

Nosso sistema de escrita é fonográfico e segue o princípio alfabético e, dentro desse processo fonográfico, ele prevê relação entre letras e sons (fonemas).

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a criança passa por um processo evolutivo de aprendizagem. É preciso que se compreenda esse processo de aprendizagem em que a criança vivencia ao tentar reconstruir a representação do sistema alfabético.

Compreender esse processo pode proporcionar ao professor uma outra postura perante aos alunos, principalmente na Educação Infantil. Reconhecer que o aluno tem acesso à escrita na sociedade, perceber que os “erros” na escrita são na verdade levantamento de hipóteses, saber as razões desses erros na escrita de palavras e frases, é muitas vezes de difícil compreensão para o professor que, em muitos casos, não têm conhecimento da linguística do sistema de escrita. Somente com análise dos “erros” cometidos pelo aluno, investigando quais são as razões que levaram a cometer os “erros”, qual raciocínio adotado na escrita, fará com que o professor tenha possibilidade de ajudar na sua aprendizagem, levando o aprendiz a superar suas dificuldades.

Assim, julgo necessário fazer um breve esclarecimento sobre o processo evolutivo da escrita.

Ana Teberosky define a evolução da escrita em cinco níveis sucessivos. Cada nível é caracterizado por determinadas conquistas.

No nível 1- Escrever é produzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como forma básica de escrita; neste nível a intenção da criança conta mais que as diferenças objetivas no resultado.

No nível 2- A hipótese central desse nível é que o sujeito pode ler coisas diferentes. Nesse nível o grafismo se torna mais definido, mais próximo à das letras. A disponibilidade de formas gráficas é muito limitada.

No nível 3- Nesse nível o sujeito tenta dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a escrita. Nesta tentativa, a criança passa por um período de importância evolutiva maior: cada letra vale por uma sílaba (hipótese silábica)

No nível 4- Passagem da hipótese silábica para alfabética: a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá

“mais além” das sílabas, pelo conflito entre hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias. O aluno está percebendo e buscando grafar as unidades menores que as sílabas, os fonemas.

NÍVEL 5- A *escrita alfabética* constitui o final desta evolução. Neste nível a criança compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. O aprendiz compreende o funcionamento convencional da escrita, ou seja, sabe que os sons devem ser representados.

O fator complicador no processo de alfabetização, levando em conta os níveis de escrita, é que se faça o uso errado das ideias de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, que o professor utilize o “conhecimento” sobre as etapas de evolução da escrita para dizer que os alunos pré-silábicos são fracos, silábicos são médios e alfabéticos são fortes e que faça uso dessa classificação para enturmar os alunos, não levando em conta a importância e riqueza das possibilidades de se trabalhar com as turmas heterogêneas. Os níveis de escrita não devem ser usados para separar, classificar ou rotular a criança e, sim, como parâmetro, para que se possa intervir de forma satisfatória nesse processo, quando necessário.

2.2- O papel do professor na aquisição da escrita

Nesse processo de aquisição da escrita nos estágios iniciais, é preciso que o professor tenha um olhar atento e cuidadoso sobre estas crianças na Educação Infantil, permitindo-lhes avanços no processo de aprendizagem através de atividades que possibilitem esta evolução de forma prazerosa. Para muitos estudiosos do assunto, o professor deve planejar e mediar situações didáticas, escrever com eles e diante deles, deixar que façam registros espontâneos, ler livros e deixar que explorem diferentes tipos de textos, utilizar o nome da criança, dos colegas e professor como ponto de partida, as rodas de conversas. A escrita deve ser um objeto de ação, trazida com função para a sala de aula. Nessa concepção, é preciso que o professor amplie as possibilidades de interação da criança com a língua escrita e é igualmente importante que a criança tenha liberdade para escrever e ler do seu jeito. É essencial que a criança se sinta capaz de criar e participar porque acredita nas próprias possibilidades.

Segundo Sonia Kramer, ser alfabetizador consiste em fornecer o processo de leitura e escrita, propiciando, inicialmente, que as crianças realizem atividades sistemáticas, organizadas de tal forma que as diferentes formas de representação e expressão infantis sejam ampliadas gradativamente, até que elas compreendam o que é a leitura e a escrita, e façam uso desse objeto cultural para sua comunicação e sua expressão (p.99).

Crianças da Educação Infantil, que têm oportunidade de entrar em contato com a escrita de modo interessante, terão maior condição de iniciar de maneira vantajosa o Ensino Fundamental.

O professor, sabendo que a criança já traz do seu convívio familiar conhecimentos sobre a escrita, buscará conhecer estas práticas para que possa consolidar, implementar e incentivar práticas de uso da escrita na escola.

A escolarização deve produzir algo novo no aprendizado que a criança traz de casa e essa aprendizagem deve levar em consideração as necessidades da criança. A criança, ao formular suas próprias hipóteses e compartilhando-as com as de seus colegas, vai pouco a pouco apropriando-se da escrita.

De acordo com os autores pesquisados, no início da alfabetização é necessário que o professor faça uso de práticas que levem o aluno a ampliar

gradativamente seu processo de escrita, fazendo uso de atividades que deem vontade na criança de realizá-las, sendo feitas com prazer e interesse.

Segundo Dalben, *o bom professor não é o grande detentor do saber e sim aquele capaz de mediar, com cuidadosa atenção, o processo de construção do conhecimento pelo aluno*. Assim, cabe ao professor propor boas atividades de ensino aprendizagem levando em conta os avanços e dificuldades que a criança precisa superar.

Um fator que considero importante é o contato da criança com a leitura e a escrita desde a Educação Infantil. É importante que sejam criados ambientes que favoreçam esta vivência, como os cantinhos de leitura na sala de aula, mas também é necessário que o professor aproveite os momentos para que a criança tenha contato com a escrita; momentos como a chamadinha da turma, o nome nos objetos pessoais do aluno (copo, garrafinha, agenda, capa de cadernos), identificação de embalagens, pesquisas de suas preferências, dentre outros.

Nesse contexto específico do uso da cultura escrita, é possível abordar de maneira espontânea a necessidade da escrita, assim a aprendizagem acontece de forma integrada, como fica claro no RCNEI (Referencial Curricular Nacional na Educação Infantil).

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso, pelas crianças, ao conhecimento mais amplo da realidade social e cultural.
RCNEI, vol.1,p.23.

Na Educação Infantil, é necessário que se estimule através de jogos a composição sonora das palavras porque possibilitam uma consciência dos aspectos fonológicos das palavras que falamos. Este estímulo pode ser feito quando destacamos o som inicial de palavras, nas rimas, comparação entre palavras.

Cabe a nos professores valorizar as experiências das crianças, reconhecer as etapas da alfabetização e preparar as atividades atendendo as expectativas e necessidades das crianças, levando-as a superar as hipóteses iniciais e construir novas, que passam a fazer parte do seu processo de aprendizagem.

3-Metodologia

De acordo com o tema proposto neste trabalho, foi realizado testes e atividades de escrita espontânea com a finalidade de averiguar o nível de desenvolvimento na escrita em que se encontram os alunos. Os testes foram aplicados em diferentes momentos em uma turma de 19 alunos da Rede Municipal de Belo Horizonte. Os alunos residentes em sua maioria no bairro Goiânia. Em 2014, a turma era formada por 12 meninos e 7 meninas. São alunos oriundos de famílias de baixa renda, com idade de três a quatro anos, em sua maioria, iniciando a sua escolarização, filhos de pais com idade entre 20 a 30 anos, a maioria com apenas Ensino Fundamental completo. São crianças carentes de espaços para brincar e, principalmente, de companhia. A maior parte é filho único ou tem apenas um irmão muito pequeno (bebê). No período de aplicação do teste, os alunos estavam em processo de construção das regras e combinados da turma. Alguns eram muito falantes e participativos, e outros mais tímidos, retraídos, necessitando de um tempo maior de adaptação.

Além dos testes foi analisada a ficha individual dos alunos, com o intuito de obter um maior número de dados da turma.

A minha pesquisa foi realizada na UMEI Goiânia, que começou a funcionar no mês de setembro do ano de 2014. A UMEI está localizada na região nordeste, na divisa Belo Horizonte com Sabará, sendo que a maioria dos profissionais que ali atuam residem em Sabará. Quase todos os professores têm curso superior.(uma está cursando).

Por ser uma UMEI recém-inaugurada, as propostas de trabalho estão sendo elaboradas.

Os dados para elaboração desse trabalho foram coletados através de teste e levantamentos bibliográficos.

Esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa.

TESTES APLICADOS

Os testes foram preparados somente com o cabeçalho de identificação e sem o uso de gravuras, tentando assim evitar influenciar na escrita da criança. O teste¹ foi aplicado individualmente e no primeiro mês de aula dos alunos (setembro). Em cada teste foi ditado para os alunos apenas três palavras, por acreditar que nesta faixa etária os alunos perdem o interesse pela atividade com maior rapidez. As palavras foram selecionadas de acordo com o que estava sendo trabalhado em sala de aula.

Com o primeiro teste, eu pretendia averiguar a bagagem de conhecimentos que as crianças tinham sobre a escrita, bagagem esta trazida de situações vividas pela criança junto com sua família e sua exposição a situações em que a escrita está presente.

No teste 2 e 3 tive a pretensão de averiguar se houve alguma evolução no processo de escrita das crianças após minha intervenção através das atividades de rotina (chamadinha, ajudante do dia, calendário, aniversariantes do mês), projeto identidade e cantigas de roda .

O Projeto Identidade surgiu da necessidade de ampliar o conhecimento a respeito de si e dos outros. Promover conhecimento das diversidades, aceitando e respeitando-as, ao mesmo tempo contribuindo para a unidade coletiva, favorecendo a construção de uma imagem positiva de si mesmo levando-o a descobrir que possuem um nome, uma identidade e que fazem parte de um conjunto de pessoas em casa, na escola, na comunidade. Através da escrita do nome, o aluno descobre algumas das funções da escrita, como a de identificar objetos, lugares, etc.

O projeto Cantigas de Roda foi uma das estratégias utilizadas para trabalhar eixos temáticos como Expressão corporal e Linguagem, com a finalidade de uma boa formação dos alunos, através do resgate das cantigas de roda. O trabalho com o projeto teve também a finalidade de estimular a fala das crianças, despertar o ritmo, desenvolver a coordenação motora, aguçar o gosto pela música, ampliar o vocabulário, a socialização e desinibição.

Com o projeto Identidade e Cantigas de roda foi possível transformar a sala de aula em um ambiente estimulante e prazeroso para se aprender.

4- Análise dos dados

Os dados foram analisados em função de produções escritas pelas crianças individualmente em uma turma de 19 alunos. Para análise dos dados, contida nesse trabalho, foram selecionados por amostragem: quatro crianças, duas já frequentaram uma UMEI e os outros duas não tiveram nenhuma experiência escolar. As crianças selecionadas estavam em diferentes momentos no processo de construção da escrita. Esse tipo de agrupamento permitiu reconhecer alguns fatores que influenciaram o resultado dos testes e as variações no processo de escrita. A solicitação era que escrevessem o nome e três palavras. Dessa maneira foi possível observar como as crianças escrevem, levando em conta a faixa etária e os conhecimentos prévios.

Os testes foram aplicados mensalmente e as mesmas palavras foram ditadas para os quatro alunos, por acreditar que as condições em que deve ocorrer pode variar muito variáveis de dificuldade e evolução de uma criança para outra. *Com o aumento das dificuldades, a operação pode vir a ocorrer num nível mais baixo para um mais alto. Por isso, no mesmo indivíduo, na mesma idade a mesma operação pode ser executada em níveis variados.* (Walton, p..22)

A escolha dos registros dos alunos em anos e meses foi utilizada como simples referencial, já que o ritmo próprio de cada criança pode variar de acordo com as estimulações propiciadas pelo meio social em que ela está inserida e suas condições biológicas e psicológicas.

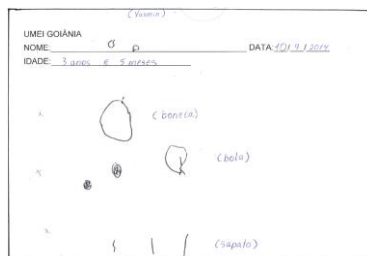
Quero resaltar que em nenhum momento tive a intenção de classificar ou rotular as crianças que realizaram os testes; também não tive a pretensão de comparar uma com a outra, sabendo que não podemos esperar que toda criança da mesma idade tenha as mesmas conquistas. Com os testes tive a pretensão de identificar o quanto e como elas sabem escrever.

Teste 1

Foi aplicado pela professora regente, no primeiro mês em que as crianças passaram a frequentar a UMEI Goiânia (setembro). No teste, foram analisadas a escrita do nome e a grafia de três palavras escolhidas de acordo com a vivência das crianças.

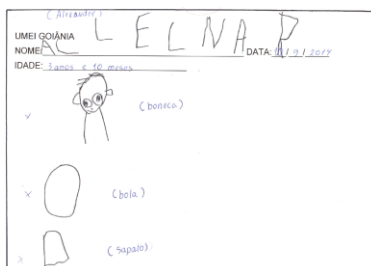
Palavras selecionadas: BONECA- BOLA- SAPATO

O que eu pretendia com o teste: averiguar os conhecimentos que os alunos traziam de seu convívio familiar e as hipóteses já construídas sobre a escrita.



Yasmin, 3 anos e 5 meses. Está frequentando uma Instituição Escolar pela primeira vez.

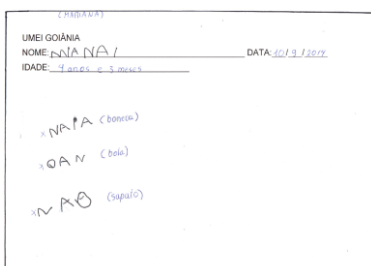
- ❖ Pode se observar que a criança escreve o seu nome utilizando dois círculos e na escrita das palavras utiliza círculos e riscos.



Alexander, 3 anos e 10 meses- Está frequentando uma Instituição Escolar pela primeira vez.

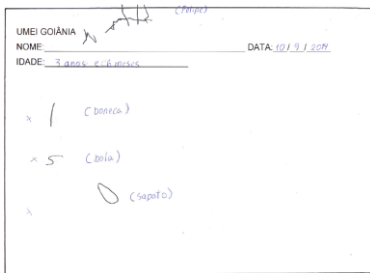
- ❖ Escreve o nome utilizando letras com algumas omissões. Na escrita das palavras a criança representa com desenhos.

Obs: Quando foi ditado para o Alexander as palavras, ele afirmou que ainda não sabia escrever e pediu que a professora-o ensinasse.



Mariana, 4 anos e 3 meses. Frequentou uma escola particular durante 1 ano.

- ❖ Escreveu o primeiro nome omitindo as letras (R e N). Na escrita das palavras utilizou letras, aparentemente atribuindo algum valor sonoro.



Felipe, 3 anos e 8 meses. Frequentou uma UMEI durante 1 ano.

- ❖ Tanto no nome quanto nas palavras, podemos perceber a tentativa de fazer formas gráficas próximas das letras.

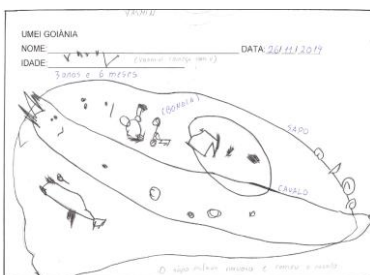
Durante a aplicação e análise do teste 1, foi possível constatar que tanto as crianças que tinham passado por uma instituição escolar quanto as que estavam frequentando uma escola pela primeira vez, apresentavam ter tido algum contato com a escrita. Foi possível perceber esse conhecimento não só pela firmeza nos traçados da “escrita”, mas pela postura diante da folha de papel, a forma de segurar o lápis, das falas, da forma com que elas brincavam de escrever, manifestando seu pensamento sobre como a escrita funciona.

Teste 2

O teste 2 foi aplicado depois de algumas intervenções pedagógicas, no mês de outubro e parte do mês de novembro.

Palavras selecionadas no teste 2: BONECA- SAPO- CAVALO

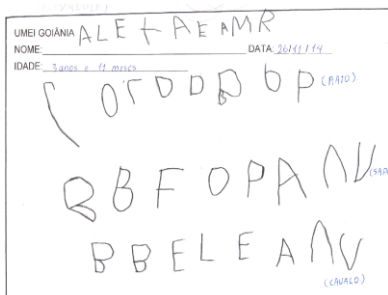
O que eu pretendia com o teste: averiguar a evolução ou não da aquisição da escrita da experiência de aprendizagens em casa e na escola ao longo desse período.



Yasmin, 3 anos e 6 meses

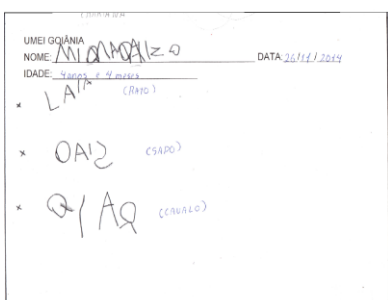
- ❖ No nome podemos perceber a tentativa de fazer formas gráficas próximas das letras, já na escrita das palavras, ela utiliza de desenhos e vai além, construindo uma história (ela atribui um sentido maior para as palavras).

Fala da criança: O sapo estava nervoso e comeu o cavalo.



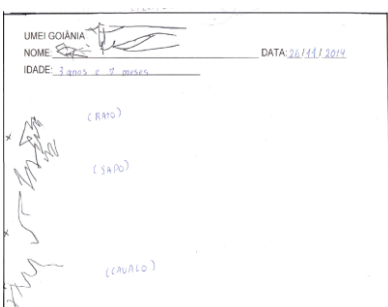
Alexander, 3 anos e 6 meses.

- ❖ Escreve o primeiro nome trocando o M pelo N, omitindo a letra D, trocando o E de posição e acrescentando mais uma letra A., já na escrita das palavras, utiliza letras aparentemente sem atribuir valor sonoro. Ele demonstra saber que a presença de letras indica algo.



Mariana Luiza, 4 anos e 4 meses.

- ❖ Na escrita do nome foi possível observar um conflito na escrita do primeiro e segundo nome (ela mistura as letras dos dois nomes). Na escrita das palavras utilizou letras, aparentemente atribuindo algum valor sonoro.



Felipe, 3 anos e 7 meses

- ❖ O aluno utiliza de sinais gráficos que lembram a escrita cursiva tanto no nome quanto nas palavras.

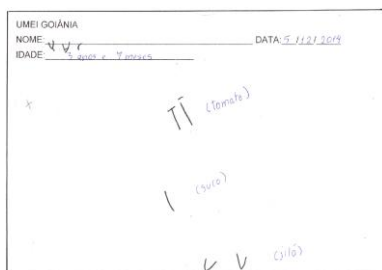
Analisando o teste 2 foi possível constatar grandes avanços no processo de escrita. Quase todos os alunos passaram a escrever o nome e as palavras utilizando letras, somente um utiliza de sinais gráficos (traços imitando a letra cursiva).

Teste 3

O teste 3 foi aplicado depois de algumas intervenções pedagógicas, no mês de novembro e parte do mês de dezembro.

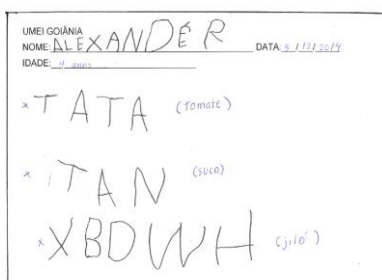
Palavras selecionadas no teste 2: TOMATE- SUCO- JILÓ

O que eu pretendia com o teste: averiguar a evolução ou não da aquisição da escrita da experiência de aprendizagens em casa e na escola ao longo dos quatro meses.



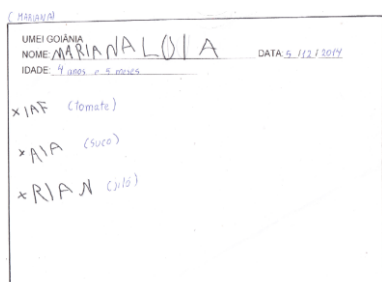
Yasmin, 3 anos e 7 meses

Escreve a primeira e segunda letra do nome, sendo que a segunda letra de “cabeça para baixo”. Na escrita das palavras utilizou as letras I e V sem atribuir nenhum valor sonoro



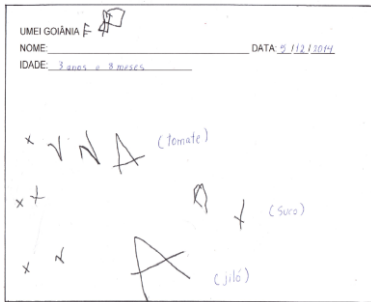
Alexander, 4 anos

- ❖ Escreve corretamente o primeiro nome. Na escrita de palavras utiliza letras sem atribuir valor sonoro.



Mariana, 4 anos e 5 meses.

- ❖ Escreve o primeiro nome corretamente e no segundo nome omite apenas a letra Z. Na escrita de palavras, ela utilizou na maioria das vezes as letras do seu nome. O nome dela passa a assumir uma influência considerável na escrita das palavras.



Felipe, 3 anos e 8 meses.

- ❖ Na escrita do nome, escreve a letra inicial com um traço a mais, em seguida faz sinais gráficos na tentativa de escrever as outras letras que tem no seu nome. Na escrita das palavras utiliza a letra A em todas as palavras e a letra Y-V-X.

Analisando o teste 3, foi possível observar grandes avanços no processo de escrita. Mariana, por exemplo, passou a escrever corretamente o primeiro e segundo nomes omitindo apenas uma letra; Alexander escreve o primeiro nome; Yasmin escreve a primeira e a segunda letra do seus nomes e Felipe escreve a primeira.

A partir dos testes analisados, alguns pontos puderam ser elucidados, como por exemplo, na escrita das palavras todos passaram a utilizar letras sendo que muitas vezes são as letras do nome. O nome é uma fonte essencial de informações que a criança recorre sempre que necessário, além, certamente, do lado afetivo atribuído a ele. Quando a criança consegue estabilidade na escrita do nome, ela passa a recorrer a ele para checar suas idéias; isso pude constatar na escrita dos alunos. Mas, sabemos que só a escrita do nome não cria o conhecimento necessário para a compreensão da escrita.

A compreensão da escrita do nome faz com que os alunos tenham um maior interesse pela escrita, estando sempre querendo escrever, mesmo quando a atividade é de ilustração (desenho).

A análise dos testes também permitiu perceber que a maioria dos alunos está em uma fase em que os conhecimentos estão o tempo todo sendo confrontados, comparados, levando-os a rever o tempo todo suas hipóteses.

A turma encontra em um estágio que é necessário que se continue propondo escritas, possibilitando que elas tenham acesso a uma diversidade de possibilidades do uso da escrita, leituras, desafios. Enfim, é necessário continuar estimulando o raciocínio das crianças para que elas desenvolvam intelectualmente e ampliem cada vez mais seus conhecimentos sobre a escrita.

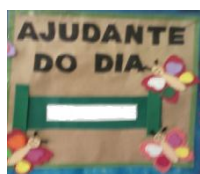
Intervenções pedagógicas realizadas

A ideia é articular as atividades de rotinas, Projeto Identidade e atividades trabalhadas de acordo com os interesses e necessidades da turma, respeitando ritmos individuais e características de cada um. Estas atividades cuidadosamente planejadas e inseridas em uma proposta de trabalho.

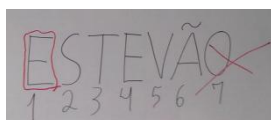
- Chamar cada criança pelo nome.
- Chamadinha.



- Sorteio do ajudante do dia (assim as crianças aprendem o nome dos colegas de turma).



- Escrever o nome do ajudante do dia no quadro e explorar (qual é a primeira letra, ultima letra, quantas letras têm).

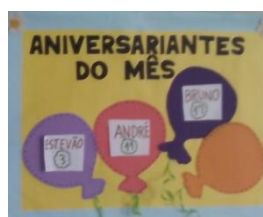


- Pedir para escrever o nome nos trabalhinhos (escrita espontânea).
- Colar ou escrever o nome da criança com letra bem legível em seus objetos (copos, mochila, agenda, cadernos).
- Leitura pela professora de diferentes tipos de textos.

- Deixar os alunos manusear livros e fazer pseudoleitura.



- Brincadeiras de faz de conta.
- Jogo simbólico- com teclado de computador, telefone que não funciona, embalagens, potes de xampu e de creme, etc.
- Cantinho de leitura
- Atividades em que a escrita de palavras e números esteja envolvida.



Conclusão

O meu objetivo com este trabalho foi o de buscar uma reflexão sobre a aquisição da escrita pela criança e não de procurar respostas fechadas e, sim, de elaborar novas perguntas que me levem a fazer novas pesquisas para o meu crescimento pessoal e profissional.

Através dos teóricos citados, pude constatar que a alfabetização é um processo que é construído tanto socialmente, quanto escolarmente, e que a criança começa a conviver com a leitura e a escrita desde muito cedo, vivenciando um processo complexo de alfabetização e letramento. Assim sendo, o professor não é o único responsável pelo processo de educação, já que existem muitas situações em que a criança vivencia a escrita fora da escola.

Quando a criança ingressa em uma Instituição de Educação, é necessário que se desenvolva um trabalho sistemático e planejado com a língua escrita, garantindo assim um dos direitos da criança. Nesse processo, o professor(a) desempenha um papel de muita importância: o papel de mediador na construção do conhecimento, já que as capacidades de ler e escrever não acontecem espontaneamente.

Um dos maiores problemas com que me deparei foi o de entender de que maneira cada criança contribui com seus próprios avanços e, assim, poder intervir de forma satisfatória.

Analisando o contexto da Educação Infantil, percebi que é possível trabalhar de maneira espontânea a necessidade da escrita e da leitura, tendo como ponto de partida os nomes dos alunos.

Podemos perceber que nas UMEIS não se tem um consenso entre alfabetizar ou não. Mas acredito que deveríamos estar pensando sobre qual alfabetização queremos para a Educação Infantil. Não é preparar a criança para o Ensino Fundamental e sim utilizar desse tempo para promover o desenvolvimento na construção do conhecimento social, afetivo, motor e cognitivo.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso, pelas crianças, ao conhecimento mais amplo da realidade social e cultural.

É só mudando a nossa forma de perceber o processo de ensino aprendizagem é que conseguiremos mudar a nossa prática pedagógica na Educação Infantil.

Referência

CARDOSO, Bruna Puglisi de Assunção, *Práticas de linguagem oral e escrita na educação infantil*- São Paulo: Editora Anzol, 2012

FERREIRO, Emilia, *A Aquisição da Escrita*, 1985

FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana, *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre; Artes Médicas, 1985.

KRAM, Sonia, *Alfabetização, leitura e escrita*. São Paulo : Ática, 2010.

LETRA A, O jornal do alfabetizador- Belo Horizonte, outubro/novembro de 2014- Ano 10 - nº40 EDIÇÃO ESPECIAL / EDUCAÇÃO INFANTIL

RCNEI- Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, v.1,p.23.

REVISTA CRIANÇA do Professor de Educação Infantil, abril de 2005

REVISTA INFÂNCIA NA CIRANDA DA EDUCAÇÃO - nº7/ PREFEITURA DE BELO HORIZONTE

SEBER, Maria da Gloria, *A escrita Infantil- O caminho da construção* 1 ed. São Paulo: Scipione, 2010. P.235

Veredas- *Formação Superior de professores*- Módulo 5, volume 1 , 2- Módulo 7, volume 7/ SEE-MG; organizadoras Maria Umbelina Caifa Salgado, Glaura Vasques de Miranda- Belo Horizonte, 2004

Vigotsky, Lev Semenovich, *A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*/ tradução José Cipólla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche, 7ªed, - São Paulo: Martins Fontes, 2007

WALLON, HENRI, *A evolução psicológica da criança, com introdução de Émile Jalles*; Tradução Claudia Berliner; revisão técnica Izabel Galvão, 1ª ed 2007, 2ª tiragem 2010- São Paulo, Martins Fontes Editora Ltda.

